

Privatização é a bandeira do BNDES

■ O presidente do BNDES não quis ser dos primeiros a falar sobre o que fazer nos próximos 21 meses. "Eu sou governo", desculpou-se. "Por definição", ironizou Simonsen. O que acontece é que, ao contrário dos outros economistas que podem falar sobre o que é desejável e o que se pode esperar do governo José Sarney, Márcio Fortes só pode falar uma vez: o que pretende fazer na parte do governo que lhe cabe nos próximos meses. E cabe ao BNDES a execução, ou pelo menos o incentivo, a uma importante bandeira: a privatização. Polêmica, por um lado, mas com garantia de agradar determinados setores. E sobre isto Márcio disse que o BNDES "pode fazer com que o estado fique mais leve, eventualmente livrando-se de coisas que, por estarem sob sua responsabilidade, neste momento de crise das contas públicas, estão empacando o desenvolvimento brasileiro".

Ele exemplifica com o caso do setor siderúrgico e, embora não defende sua total desestatização, acha que a participação estatal pode ser reduzida, para que o setor possa produzir mais e melhor a fim de sustentar o desenvolvimento. "Do jeito que está vai parar tudo, porque há um engargalamento das finanças do setor estatal em geral e do setor siderúrgico em particular", sentencia Márcio Fortes, que aponta como saída a redefinição do papel do estado na sociedade brasileira.